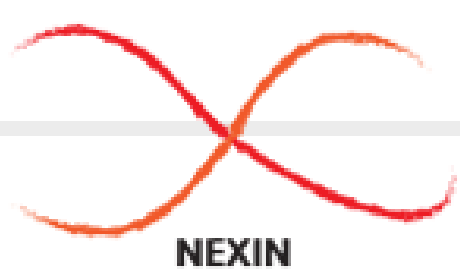


Expressões

da

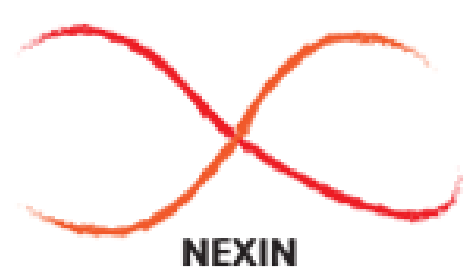
Pandemia

Fase 1



Expressões da Pandemia

Fase 1



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S271b - SAWAIA, Bader

B976f - BUSARELLO, Flávia

B492j - BEREZOSCHI, Juliana

A319r - ALBUQUERQUE, Renan

Expressões da Pandemia - Fase 1, Bader Sawaia, Flávia Busarello, Juliana Berezoschi, Renan Albuquerque- organizadores, Alexa Cultural: Embu das Artes/SP,

14x21cm - 131 páginas

ISBN - 978-65-00-03378-6

1. Covid-19, 2. Pandemia 3. Quarentena, 4. Ciências Sociais, 5. Responsabilidade social, I-Título, II-Sumário, III-Bibliografia

CDD - 300 / 301

Índices para catálogo sistemático:

1. Covid-19
2. Pandemia
3. Quarentena

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610

ALEXA
CULTURAL

Alexa Cultural Ltda

Rua Henrique Franchini, 256
Embu das Artes/SP - CEP: 06844-140
alex@alexacultural.com.br
alexacultural@terra.com.br
www.alexacultural.com.br
www.alexaloja.com

OS TEXTOS APRESENTADOS NESTE LIVRO-COLETÂNEA SÃO
ORIUNDOS DE ESTUDOS E REFLEXÕES REALIZADOS
NO QUE DENOMINAMOS DE "FASE 1" DO ESPALHAMENTO
DA COVID-19 NO BRASIL.

ATÉ O FECHAMENTO DESTA EDIÇÃO, ÉRAMOS O SEGUNDO PAÍS DO
MUNDO COM O MAIOR NÚMERO DE CASOS DE SARS-COV-2.

BRASIL, 26 DE MAIO: 20h45.
CASOS CONFIRMADOS: 391,222.
MORTES: 24.512.

Realização Científica

O Boletim "Expressões da Pandemia" é uma atividade do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN/PUC-SP/CNPq), liderado pela Profa. Dra. Bader B. Sawaia, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM/UFAM/CNPq), liderado pelo Prof. Dr. Renan Albuquerque.

Organizadores

Bader B. Sawaia
Flávia R. Busarello
Juliana Berezoschi
Renan Albuquerque

Editoração e Identidade Gráfica

Juliana Berezoschi

Revisão Técnica

Renan Albuquerque

Os escritos são compilados por participantes, parceiros e apoiadores do NEXIN e do NEPAM.

Dados do NEXIN

O Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tem como líder a Profa. Dra. Bader B. Sawaia e atualmente está composto por discentes de mestrado, doutorado e pós-doutorado, bem como pesquisadores associados. O NEXIN é um espaço de reflexão e investigação psicossocial permanente, onde são desenvolvidos estudos sobre desigualdade social, com ênfase na servidão humana e na potência de ação emancipadora em diferentes contextos sociais e históricos brasileiros.

www4.pucsp.br/nexin/, facebook.com/nucleonexin, instagram@nucleonexin

Dados do NEPAM

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tem como líder o Prof. Dr. Renan Albuquerque e atualmente está composto por discentes de graduação, mestrado e doutorado, além de pesquisadores associados. O NEPAM estuda dinâmicas e interações de povos amazônicos em seus diferentes modos de vida no bioma.

www.facebook.com/ufamnepam

APOIO CIENTÍFICO

Gostaríamos de agradecer pelo apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Ufam, que auxiliam com financiamento e apoio infra-estrutural o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM).

Também é importante destacar o suporte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – financiadora do Programa de Doutorado Sanduíche (PDSE) – e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que fomentam cientistas do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN), os quais descrevem parte de seus estudos nesta obra.

É necessário sublinhar a parceria que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) firmaram, a partir da Profa. Dra. Bader Sawaia e do Prof. Dr. Renan Albuquerque, no sentido de organizar o esforço científico que possibilitou este livro.

PARCEIROS INTERNACIONAIS

Marcos Antonio da Silva, pesquisador e pós-doutorando do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal, que integra o projeto "POLITICS" (725402 – ERC-2016-COG).

Helga Arroyo Araya, Profa. Dra. da Escola de Psicologia da Universidade da Costa Rica.

ACESSO ABERTO

Este livro foi construído com base nos preceitos Open Access Initiative (OAI), movimento instituído em 1999 por um grupo de pesquisadores europeus e norte-americanos, com o intuito de disponibilizar gratuita, publicamente e sem restrições, produções científicas para que qualquer pessoa possa acessar, ler, baixar, copiar, distribuir ou imprimir, citando a fonte de origem.

SUMÁRIO

Volume 1

APRESENTAÇÃO (Bader B. Sawaia).....	12
MIEDO (Profa. Dra. Helga Arroyo Araya).....	15
AFETO(S) EM TEMPOS DE PANDEMIA (Flávia Roberta Busarello).....	16
PARA UMA POÉTICA DOS ESPAÇOS INTERIORES I (Thiago da Silva Prada).....	19
"ESCORREGAR NÃO É CAIR": POR QUEDAS COM AMORTECEDORES (Livia Maria Camilo dos Santos).....	21
DIÁLOGOS ENTRE EXPERIÊNCIA (ISOLAMENTO PERIFÉRICO: ATRAVESSAMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS) (Thais Fernanda G. Lima).....	25

Volume 2

APRESENTAÇÃO (Bader B. Sawaia).....	29
VOLTANDO À CARNE (Aline Matheus Veloso).....	31
POEIRA DE ESTRELAS (José Carlos de Oliveira).....	34
O MEDO DO INVISÍVEL: MEMÓRIAS DA PANDEMIA DE SARS-COV-2 (Gerson André Ferreira e Renan Albuquerque).....	35
CORONAVÍRUS: A VIDA PAROU OU FOI O AUTOMÓVEL? (Beatriz Marques Sanchez).....	38
ABRIL INDÍGENA NO COMBATE AO VÍRUS: UMA LEITURA SATERÉ-MAWÉ (CLÃ SATERÉ/UT) E SUA RESISTÊNCIA TUPI (Josias Sateré).....	41

Volume 3

APRESENTAÇÃO (Bader B. Sawaia).....	47
POUCAS PALAVRAS (Jaison Hinkel).....	50

O CONFRONTO COM A FINITUDE E O LUTO COLETIVO (Naiara R. Vicente de Matos).....	51
“APANHA E SORRI, PORQUE NA RUA NÃO TEM OUTRO JEITO” (Ana Carolina Martins Gil).....	55
CORONAVIRUS ET MIGRANTS À MANAUS, L’ÉPICENTRE DE LA PANDÉMIE EN AMAZONIE BRÉSILIEENNE (CORONAVÍRUS E MIGRANTES EM MANAUS, O EPICENTRO DA PANDEMIA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA) (Fabrício Vasconcelos e Renan Albuquerque).....	59
EM TEMPO DE MÁSCARAS: SORRISOS ESCONDIDOS E OLHARES AFETIVOS (Marcos Antonio Batista da Silva).....	65
PANELAÇOS, CARREATAS E AFINS: REFLEXÕES SOBRE A DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICA DA AÇÃO COLETIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA (Cinara Brito de Oliveira).....	68
NOSSA PELEJA EM TEMPOS DE PANDEMIA: A HUMANIDADE É PARA TODAS(OS) OU NÃO SERÁ PARA NINGUÉM (Elisa Harumi Musha).....	71

Volume 4

APRESENTAÇÃO (Bader B. Sawaia).....	76
UM VÍRUS VARRE O MUNDO (Lívia Maria Camilo dos Santos).....	80
A DIMENSÃO REFLEXIVA DA ARTE EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL (Fernanda Pereira Medeiros e Vera Lucia Trevisan de Souza).....	82
A CULTURA PERIFÉRICA E O ISOLAMENTO SOCIAL (Cristina Adelina de Assunção).....	88
QUILOMBOS E TERRAS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA EM LOCKDOWN TERRITORIAL (Georgio Ítalo Ferreira de Oliveira e Renan Albuquerque).....	92
VIÉS RACIAL, DESIGUALDADES E CORONAVÍRUS (Marcos Antonio Batista da Silva).....	96
VANESSA PUPYS (Elisa Harumi Musha).....	102

Volume 5

APRESENTAÇÃO (Bader B. Sawaia).....	104
-------------------------------------	-----

REVOLTA (Elisa Harumi Musha).....	109
COLETIVIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA (Karina Scaramboni).....	110
EM BUSCA DO RISO ÉTICO PERDIDO (Juliana Berezoschi).....	115
“ATÉ QUANDO PUDERMOS NOS ABRAÇAR”: O RE-ENCONTRO PÓS-PANDEMIA (Flávia Roberta Busarello).....	118
OS PROBLEMAS DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA ON-LINE EM SITUAÇÕES JUDICIALIZADAS (Giseli F. Assoni).....	122
CORONAVÍRUS ME FAZ LEMBRAR! (Justino Rezende).....	125
<u>Posfácio</u>	127

Viés racial, desigualdades e coronavírus

O combate a racismo estrutural e desigualdades raciais e sociais no Brasil tem sido investigado por institutos de pesquisa (IBGE, IPEA), universidades e movimento negro, bem como por formuladores de políticas públicas (diagnóstico e execução), que verificam ações práticas para sua redução. Entre as diversas formas de manifestação dessas desigualdades, a por cor/raça ocupa espaço central no debate brasileiro, mostrando que grandes diferenciais raciais marcam praticamente todos os campos da vida, seja no que diz respeito à renda, emprego, violência, educação, habitação ou saúde, entre outros.

Temos crescimento econômico, científico e tecnológico. Mas as desigualdades raciais e sociais continuam sendo uma marca da sociedade brasileira. Entende-se que essas situações de desigualdade decorrem das matrizes histórica, colonial e escravista. Não resta dúvida de que o longo período escravista e as estruturas social, política, econômica e cultural, estabelecidas no pós-abolição, deixaram cicatrizes e consequências desastrosas na evolução dos direitos integrantes da cidadania brasileira, que perduram até a contemporaneidade.

Reconhecer a existência dessa dimensão da desigualdade, que estrutura nossa sociedade e nosso Estado, é essencial para o enfrentamento. Reconhecer que o problema se manifesta e expressa em diferentes níveis, a partir de diversos mecanismos, é fundamental para avançarmos em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

A ausência reiterada do Estado, em vários casos, e a baixa qualidade de serviços e atendimentos prestados por instituições à população negra em geral, são sinais explícitos do racismo estrutural a partir do qual essas instituições operam historicamente. Desta feita, perguntamos: será que as ações em curso sobre desigualdades e o racismo no Brasil estão de fato sendo combatidos em nosso país?

Pesquisas sobre a história das mobilizações da população negra no país contribuem para que a sociedade brasileira seja reconhecida como uma sociedade na qual o racismo estrutural e as desigualdades raciais estão presentes. Aprende-se com Silvio Almeida[1] que nos debates sobre a questão racial são encontradas variadas definições de racismo, partindo dos seguintes critérios: relação entre racismo e subjetividade, relação entre racismo e Estado, relação entre racismo e economia. Segundo o autor, o racismo na concepção individualista seria "fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados", ou seria um mecanismo, uma "irracionalidade" a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação da lei.

Para Almeida, "a concepção individualista pode não admitir a existência de 'racismo', mas de preconceito, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento à natureza política". O racismo institucional não se resume a comportamentos individuais, "mas é tratado como resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça". Contudo, "o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares, não sendo patologia social e nem desarranjo institucional. O racismo é estrutural".

Quando nosso olhar recaiu sobre a pandemia do novo coronavírus, observamos que o racismo estrutural atingiu a maioria da população negra e pobre, destinatária das consequências nefastas da pandemia. O debate que cruza as condições econômicas com a raça não dever ser invisibilizado e silenciado. A crise vem ampliando desigualdades raciais e sociais na contemporaneidade. Em particular, estudos estimam que, de cada dez trabalhadores no Brasil, oito se encontram em algum grau de risco de perda de renda e trabalho por conta da paralisação econômica gerada atualmente.

[1] ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Polém, 2019.

Mulheres correm mais risco de perder emprego e renda porque estão mais presentes em setores não essenciais (fortemente afetados pela covid-19). Negros, com maiores vínculos empregatícios precários e informais, também estão em risco de desemprego. Grande parte das mulheres negras continua sendo bastante vulnerável. Trabalhadores informais são, homogeneamente, o segmento mais afetado no país, seguido de trabalhadores informais de serviços pessoais de beleza. Juntos, somam quase 6 milhões de pessoas, segundo dados da Pnad de 2019.

Acompanhamos a expansão da pandemia no Brasil. Hoje, 5 de maio, ao meio-dia, estão doentes 108.620 e morreram 7.367 no Brasil. Uma avaliação da semana anterior, de 26 de abril (boletim do Ministério da Saúde), indicava alta de negros (pretos ou pardos) entre pacientes internados ou mortos por covid-19. Os dados sinalizam que permanece a disparidade no percentual de infecções e mortes entre negros, o que é apontado por especialistas como indício possível de dificuldade no acesso a atendimento. Segundo números que consideram a variável raça/cor, pardos e pretos somavam 37,4% das hospitalizações e 45,2% das mortes[2].

Chama-nos atenção o que tangencia às favelas brasileiras. Citamos como exemplo as do Rio de Janeiro, segundo o IBGE, com cerca de 1,4 milhão de pessoas, representando 22,5% da população carioca. Significa que questões habitacional, econômica e social dificultam o isolamento na periferia. Ou seja, é impossível se adaptar à quarentena proposta pela OMS, já que habitações são próximas, com pouca ventilação e falta saneamento básico.

Apesar do avanço da covid-19 em periferias e comunidades carentes, além do perigo constante de contaminação e ausência acentuada do poder público, estão sendo criadas iniciativas por associações de moradores visando ações de combate à pandemia, somadas ao combate à subnotificação.

[2] gl.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/28/cresce-percentual-de-pretos-e-de-pardos-entre-internados-e-mortos-por-covid-19-apontam-dados-do-ministerio.ghtml

A falta de testes em massa nas comunidades/favelas e o atendimento precário da rede de saúde em boa parte da periferia revelam a face dramática das subnotificações[3], que concorrem para as mortes em casa, por exemplo. Contudo, a seguir, enfatizam-se algumas notas sobre dois países que tenho acompanhado de perto, para além do Brasil. São eles Portugal e Peru. Pesquiso relações étnico-raciais, no que tange à população negra do Rio de Janeiro e afro-peruana em Lima (Peru). O levantamento é no contexto universitário da produção de conhecimento sobre "raça" e [anti]racismo nas esferas de política [inter]nacional do governo e das universidades públicas, integrando o projeto Politics (2017-2022), da Universidade de Coimbra, Portugal. Desse modo, observo questões fundamentais para a compreensão do racismo na contemporaneidade e suas raízes históricas.

Em Portugal, reportagem do jornal O Público[4], intitulada “Novo coronavírus ainda não chegou à Cova da Moura, mas famílias já desesperam”, de 6 de abril, dá ênfase à Cova da Moura (Concelho da Amadora, Portugal). É observado que, devido ao encerramento das escolas como medida contra a pandemia, crianças da Cova da Moura foram para casa e sobrecarregaram suas famílias em nível da alimentação. Elas precisam ainda de acompanhamento para trabalhos escolares e nem sempre os pais podem auxiliar. Com isso, associações de bairro se organizam junto à comunidade de forma assistencial. Na Cova da Moura, há uma concentração de pessoas afrodescendentes e muitas trabalham no setor de serviços. Em Portugal, com informações do Ministério da Saúde[5], até 1 de maio focalizamos cerca de 25 mil casos confirmados e 989 óbitos por coronavírus. Vale dizer que no país lusitano não há recolha de dados étnico-raciais, o que impossibilita discussão sobre a pandemia no contexto da população afrodescendente no país.

[3] <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/04/subnotificacao-falta-de-informacao-e-condicoes-precarias-aumentam-drama-da-covid-19-nas-favelas-do-rio/>

[4] <https://www.publico.pt/2020/04/06/local/noticia/covid19-novo-coronavirus-nao-chegou-cova-moura-familias-ja-desesperam-1911153>

[5] <https://covid19.min-saude.pt/>

[6] <https://www.gob.pe/coronavirus>

Chamou-nos atenção, acerca da população afro-peruana, uma nota de organizações da sociedade civil, a exemplo do Centro de Desarrollo Etnico[7], cuja missão é contribuir para o fortalecimento da identidade étnico-cultural da comunidade afro-peruana. O Centro solicitou ao governo atenção à população negra, às pessoas em extrema pobreza, bem como aos povos indígenas. Foi pedida a elaboração de diretrizes específicas para eles. De acordo com o último censo étnico do Peru, a população autodeclarada afro-peruana é de 3,6%[8], o que faz com que, muitas vezes, a torne invisibilizada perante a sociedade.

No contexto brasileiro, a discussão também merece destaque: o debate sobre a saúde da população negra, considerando seus recortes. Como exemplo, temos relato de uma das participantes do Painel da Associação Brasileira de Saúde Coletiva[9] (Abrasco). "A escassez material é uma das principais condições do racismo que estrutura a vida das pessoas em situação de rua. Como chegar a elas e pedir para lavarem as mãos? A recomendação é máscara para todos. Todos quem?", indagou Joilda Nery, do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia.

Quando foram debatidos dados epidemiológicos e cor/raça, a pesquisadora Márcia Alves abordou a falta desse viés nos boletins. "Os boletins da covid-19 abordam a condição dos agravos apresentados por doenças crônicas sem detalhamentos em relação à perspectiva racial. Se olharmos índices de doenças cardíacas, diabetes ou doenças renais, encontramos desigualdade. Essas doenças, que acentuam a gravidade do coronavírus, são proeminentes na população negra", explicou Márcia Alves, da UFRJ, técnica da Secretaria de Estado de Saúde/RJ. Outro relato evidenciou o contexto das favelas, já explicitado neste texto. Nesse sentido, acrescenta-se ao debate o discurso de uma das participantes do evento.

[7] <http://www.dcimarron.org/index.php/politica/29-seccion-politica-d-cimarron-5>

[8] <https://www.inei.gob.pe>

[9] <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-da-populacao/a-populacao-negra-nao-e-homogenea-tem-segmentos-expostos-a-diferentes-riscos-de-adoecimento-e-morte/46955/>

"É necessário parar de naturalizar o fato de que pessoas terão menos chances de se cuidar porque são pobres. É preciso lutar e criar condições para que todos possam se cuidar. Não é um olhar apenas de contenção do vírus. A pandemia nos dá oportunidade de perceber o quanto desigualdades sociais são um problema o tempo inteiro", apontou Denize Ornelas, médica e diretora da Sociedade Brasileira de Medicina da Família e Comunidade.

A pandemia assola diferentes grupos sociais, da elite aos vulneráveis: moradores de rua, de favelas e periferias, idosos, população negra, população cigana, povos indígenas, população prisional, entre tantos grupos minoritários. Sobre isso, compartilhamos as reflexões de Julvan Oliveira[10]: "historicamente, tragédias que atingem a humanidade têm peso maior sobre grupos vulneráveis. Na sociedade brasileira, especificamente, devido a nossa história marcada por uma herança escravista, em que alguns ainda se comportam e pensam dentro daquele modelo colonial, há que se pensar que a vulnerabilidade atinge especialmente negros, mulheres, homossexuais e transexuais, com uma carga muito maior quando são pobres".

Marcos Antonio Batista da Silva
Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP. Pós-doutorado pelo
Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
Integrante do projeto 725402 — POLITICS — ERC-2016-COG).

Coimbra, Portugal, 5 de maio de 2020.

[10]<https://www2.ufjf.br/noticias/2020/03/20/a-vulnerabilidade-atinge-especialmente-negros-e-pobres/>